

NOU KONN SA NOU VO! O PAPEL DA LÍNGUA NA INSERÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES HAITIANOS NO RIO DE JANEIRO

Débora Amaral da Costa

*Orientadora: Prof^a Dr^a Telma Cristina de Almeida
Silva Pereira*

Doutoranda

Introdução

O presente trabalho está inserido na Linha de Pesquisa História, Política e Contato Linguístico, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Investigamos a inserção sociolinguística dos imigrantes haitianos no Rio de Janeiro, a partir das suas redes sociais, e o papel da representação da língua e da cultura características do país, enquanto instrumentos simbólicos de integração social.

Entendemos que as línguas e seus *status* intervêm como um fator de exclusão ou inserção (CASTELLOTTI; ROBILLARD: 2001). A língua constitui, então, um ponto de partida bastante rico para um estudo sobre a inserção, por ser um forte meio de comunicação de símbolos culturais e identitários. Pode ser considerada, nessa perspectiva, como uma ferramenta para o indivíduo se fazer aceitar em determinada comunidade e como um distintivo para que seja excluído da mesma.

A imigração haitiana no Rio de Janeiro e os estudos sobre política e representação linguística.

Em janeiro de 2010, o Haiti foi devastado por um terremoto, com cerca de duzentos mil mortos e três milhões de pessoas desabrigadas, causando, além da perda humana, oito bilhões de dólares em prejuízos, cerca de 120% do Produto Interno Bruto haitiano. Antes do fenômeno natural, o país já estava assolado pela instabilidade econômica e política, o que levou milhares de cidadãos a verem, na imigração, um caminho para melhoria de condições de vida.

Enquanto isso, o crescimento econômico do Brasil nos últimos anos, em oposição à crise financeira observada na Europa e nos Estados Unidos, tem modificado a posição brasileira nos movimentos migratórios, não sendo apenas imigrante em países desenvolvidos, mas se tornando, também, um atrativo para uma massa de emigrantes de países pobres.

A imigração, nessa perspectiva, revela uma iniciativa coletiva muito mais acentuada do que uma decisão de cunho pessoal, sendo motivada enquanto resposta da comunidade à situação socioeconômica local, dificultando a sobrevivência de famílias, que dificilmente teriam outra alternativa, além da separação temporária de um ou mais membros, a fim de enviar-lhes dinheiro para sustento e melhores condições.

Nesse contexto, o cidadão que emigra se vê diante da necessidade de pertencimento à nova sociedade, principalmente se ele precisa de trabalho e formação profissional. Conhecer a língua da nação de destino é um fator importante para possibilitar o cumprimento desse plano.

Diante disso, os imigrantes tendem a equilibrar o vínculo com o patrimônio cultural e linguístico de origem e a vontade de inserção na sociedade de destino, que implica a aprendizagem da modalidade oral da língua falada na localidade (LECONTE: 2001), tensão na qual se inscreve, geralmente, a esperança de um futuro melhor para os seus familiares, deixados no seu país.

As representações das línguas, então, encontradas nas atitudes e opiniões dos seus usuários, exercem um papel importante nos fenômenos sociolinguísticos e sociais. Entende-se que, ao conhecer as línguas dos outros, podemos compartilhar os seus olhares e as suas ideias de modo multilateral, absorvendo um meio eficaz de participação e de interação com esse ambiente multilinguístico e globalizado.

A representação linguística poderá influenciar as práticas dos imigrantes na localidade, enquanto que essas comunidades de prática podem, por sua vez, determinar a maneira pela qual esse indivíduo se insere na nova comunidade, permitindo-se um contato de maior ou menor grau, que refletirá na assimilação da língua estrangeira utilizada no local.

Nos anos de 1968, houve uma emergência tímida do tema da migração no campo das pesquisas linguísticas, sociolinguísticas e didáticas, de acordo com Billiez; Cyril (2001). Nas ciências da linguagem, em 1975, a situação migratória passou a ser tema de estudo, sob o impulso da sociolinguística norte-americana.

Adotamos, para o estudo das migrações haitianas, a distinção entre línguas nacionais e línguas oficiais, feita por Calvet (2000). De acordo com o pesquisador, as línguas nacionais são aquelas aprendidas antes da escola e as línguas oficiais são aquelas apresentadas em contexto escolar. No caso do Haiti, Ferguson (1959), na sua descrição, explica que há uma divisão das línguas por diferentes domínios e que o Crioulo, língua nacional, é reservado aos contextos familiares, como a casa e os amigos, enquanto que o francês é utilizado nas situações oficiais, como a educação.

Com a imigração, o cidadão haitiano agrega uma outra língua, a estrangeira, aquela falada pela população do país de destino. No presente caso, o Brasil. Essa trajetória é carregada de elementos simbólicos que opõem a cultura do outro em relação a dele. O imaginário de nação e a ideia de pertencimento se misturam à necessidade de se permanecer fiel à pátria, conservando seus costumes e valores, ao passo que a assimilação das construções culturais do outro, incluindo a língua, se tornam iminentes.

A representação social diz respeito ao sentido coletivo atribuído a um fenômeno qualquer. No caso da representação linguística, diz respeito aos sentidos atribuídos a uma língua e a seu respectivo povo. Uma representação social é uma microteoria simples e econômica, imediatamente aplicável, destinada a interpretar rapidamente um conjunto indefinido de fenômenos, como afirma Cavalli; Coletta (2003). Ela existe no e pelo discurso e é igualmente no e pelo discurso que se modificam, se confrontam umas com as outras e se transmitem. Uma representação é difundida e circulada em um grupo social e é essencial à comunicação entre os seus membros, assegurando uma convivência provisória que não precisa se reconstruir a todo instante.

Entende-se como política linguística “um conjunto de medidas e de projetos, ou de estratégias determinadas, que tem por objetivo regular sobre o status ou a forma de uma ou mais línguas”. E planificação linguística “é a política posta em prática” e “pode haver política linguística sem que haja planificação” (SAVEDRA, 2003, p. 44). Essas políticas se situam sempre em dois níveis, *in vivo* e *in vitro*: “*in vitro*, nos escritórios de quem decide, e *in vivo*, na prática dos locutores. Quando as soluções avançadas *in vitro* vão no sentido das práticas *in vivo*, as operações geralmente correm bem.” (CALVET: 2000, p. 184.).

Quanto à segurança/ insegurança linguística, pode resultar do produto da comparação de seu falante com o falante legítimo. Calvet (2000) classifica em quatro diferentes situações de segurança: a insegurança formal e estatutária; a segurança formal e insegurança estatutária; a insegurança formal e segurança estatutária e, finalmente, a segurança estatutária e formal.

No que tange à cultura do imigrante, concorda-se com Denys Cuche (2002) ao afirmar que seja impossível que os imigrantes se mantenham completamente impermeáveis à influência cultural da sociedade onde vivem. Quanto mais longa for sua estada, mais decisiva será essa influência.

Metodologia de análise e reflexão preliminar das entrevistas.

Encontramos na abordagem qualitativa um viés teórico-metodológico que norteia a metodologia a ser aplicada nesse estudo. A investigação qualitativa é definida por Bogdan e Biklen (1994, p. 11) como uma *metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais*. Nela, os dados são ‘qualitativos’, devido à riqueza de detalhes e à descrição de pessoas e locais. As questões investigadas objetivam compreender comportamentos a partir do ponto de vista do próprio sujeito investigado.

A pesquisa proposta se adequa à abordagem qualitativa, com trabalho de campo, dados qualitativos e descrição. Seus conceitos-chave agregam o significado, a compreensão de senso-comum, a representação e a teoria fundamentada.

Como instrumentos de pesquisa, são utilizadas entrevistas abertas e semiabertas, anotações de campo e observação participante, com enfoque nos discursos que revelam o olhar do imigrante sobre o multilinguismo enquanto fator de construção identitária.

Para efetuar a transcrição, recorreremos a alguns símbolos comumente utilizados nos trabalhos com entrevistas. São eles:

. = pausa curta (2.0) = pausa média LETRA MAIÚSCULA = ênfase
--

Além desses, adotamos outros símbolos que se adequaram ao trabalho. São eles:

[...] = trecho curto ininteligível [inint.] = trecho médio ou longo ininteligível P= participante E= entrevistador

O entrevistado a seguir é aluno da escola de construção civil do SENAI (JAC), mais velho que os demais conterrâneos. A entrevista se deu em uma sala-de-aula aonde estavam apenas entrevistador e entrevistado.

E: Donc vous préférez que je parle français avec vous? P: sim. E: et vous pouvez m'en parler ahm parler en portugais ou en français. Vous décidez. P: FRANÇAIS. E: Vous préférez français. P: ... j'entends français. E: ok. P: Portugês non. E: ok. P: tu... tu... Si vous tu (2.0) eh... tous E: uhum P: vou parler et maintenant je vous comprends. Vous si vous parler portugês E: un peau. P: non. Non comprends.

E: ok.

P: Et, agora, fran francês et (2.0) JE je parle portugûês aqui, alors, quand ... je parle? Je parle et je (2.0) j'utilise mot..., quelque mot. ... portugûês.

E: uhum

P: portugûês.

E: uhum.

P: donc comprends [...] non comprends

E: d'accord

P: non comprends je ne je ne pas compris.

E: la grammaire du portuguais

P: non.

E: ahm, d'accord. Ahm Combient de temps ahm vous êtes ici à Brasil/au Brésil?

P: Je suis ici et (2.0) depuis (2.0) mai . deux mille quatorze.

E: ah, ok. Donc vous ferrez un an que vous êtes ici?

P: non. [pausa longa]

E: Ferrez. Nous sommes en

P: deux mille et quinze. ...

E: Ok!

P: deux mille et quinze. (2.0) ago/ maintenant je je

E: dix mois

P: dix mois. Dix mois.

E: dix mois. Ok. Et . comment (2.0) ça s'est passé votre Voyage du Haiti à Rio, tout le per/ parcours?

P: ahm (risos)

E: très grand parcours, non?

P: eh... eu fala/ eu falo eu falo de vagar

E: ok!

P: en Francês e j'oublie francês agora . só

E: pas de problême!

P: e pour venir Brasil eh (2.0) j'achète

E: le billet

P: billet et domini/ dominicaine

E: República Dominicana

P: República Dominicana

E: uhum

P: e . je dormais à République Dominicana et/ Dominicaine. Après, j'ach/ j'achète mon billet avión.

E: uhum.

P: je suis/ je (2.0) je (pausa longa) j'allais Equateur.

E: uhum.

P: eh (2.0) j'ai passé un mois Equateur et (2.0) j'acheté et . visa (2.0) Equateur deux cent dollars us. Entendeu?

E: uhum.

P: eh... j'achète . billet d'avion. Je suis venis ici!

E: ici à Rio?

P: si.

E: pas Acre, Tabatinga?

P: no, non, no, no.

E: Equador, Rio?

P: sss oiú.

E: et pourquoi un mois Equator?

P: je fais un mois Equateur.

E: mais pour quoi?

P: Et... j'attends visa Equateur. Et Equateur ne . ne maintenant n'est pas visa tout suite.

E: uhum. Et qu'est- ce que vous pensez du peuple du Rio? Que vous connais déjà il y a dix mois?

P: ok. Eh (2.0) ce que je remarque de Brésil, vous avez compris?

E: uhum.

P: Ce que je vous remarque de Brésil est (2.0) les haitiens non veut ne vivre [interrupção externa]. Ce que je vous remarque de Brésil est que les haitiens ne vivent pas très bien. Et (2.0) tout les haitiens travaillent beaucoup [pausa longa] et le reçoive peu de moyenne. L'argent que reçoive . ne pelve pas corresponda u besoin. Entendeu?

E: uhum. Mais le salaire est le même pour les haitiens et les bresiliens?

P: non, je ne sais pas.

E: je crois q'il est le même.

P: je ne sais pas, mais que les haitiens trabalha mui/ travaillent beaucoup, reçoive peu. Et . l'argent que'il reçoive ne peuve pas ajudar/l'argent qu'il receive ne peuve pas ajudar

E: uhum.

P: entendu?

E: entendu.

P: Exemplo [pausa longa] je travaille neuf cent reales (2.0) entendu? E . [pausa longa] et . je (2.0) paye quatre cent reales le moyenne chaque mois (2.0) ce là est difficile

E: impossible

P: n'est pas possible. N'est pas possible.

E: Très difficile. Et pensez-vous de retourner au Haiti?

P: . oui, si . si . le conditions ne sont pas [...] et . j'irais a mon pays.

E: uhum, mais qu'est-ce que vous pensez de la gent brésilien, les cariocas, la gent, le peuple, les eleve brésilien, qu'est-ce que vous pensez?

P: uhm?

P: das PESSOAS, das pessoas brasileiras, a gente, o povo brasileiro? As pessoas com quem você trabalha, o que você acha deles? São pessoas acessíveis, legais, simpáticas? Os brasileiros.

P: Les brasileiros?

E: sim.

P: Bon, et . le brésilien et . le . Le brésilien eh . vivre dans son/ dans leur pays. Alors, Ils n'ont pas même problème que les haitiens.

E: oui, mais . eh . comment est la relations des haitiens avec les bresiliens? C'est bon?

P: (2.0) oui, haitien, brésiliens non problème. Au contraire, brésilien est très amoureux des haitiens.

E: ok. Eh . sur le portugais, qu'est-ce que vous pensez du portugais? C'est très difficile, c'est bizarre, c'est facile, qu'est-ce que vous pensez?

P: pour moi, eh . portugai/port/portugais est très difficile . est . je [...] problème [inint.] à l'école, je n'ap/ apprends pas la langue du portugais.

E: uhum.

P: Entendeu?

E: Entendi.

P: Pour moi, est très difícil. Est très dificile. Só que je peut dire bonjour en port/portugais, bonsoir, au revoir . comment tu t'appelle, merci . non, je ne peut pas parler beaucoup des mots.

E: ok. Et. Ahm... vous pensez que vous êtes . part de peuple de Brésil, dedans de Brésil, comme un group? Maintenant vous êtes un peu haitien mais un peu brésilien aussi parce que vous habite ici, vous parlez un peu de portugais, qu'est-ce que vous pensez de ça? Ou non, vous êtes solemment haitian, avec son langue, sa culture, ou vous êtes eh . mélange de nacionalité maintenant?

P: uhm. Ce que je pense, le brésilien son mes frère et mes soeurs. (2.0).

E: merci. Merci.

P: et . je vie avec eux et [pausa longa] et (2.0) y l'aime beaucoup. Non, je ne aucune problème de vivre avec eux.

E: Et la culture du Brésil est diferente ou pareil de Haiti? La culture. La religion, la culture.

P: NON. Chaque pays (2.0) a culture

E: diferente

P: diferente. Sont . soulemment Il y a de culture égale, pareil.

E: et quels sont les cultures pareils?

P: exemple. religions.

E: vous avez de religions?

P: et (2.0) je vois le catholique, la protestant, en Haiti

E: aussi,

P: aussi. Et ah [inint.]

E: eh . vous avez de religion?

P: catholique.

E: catholique? Et vous eh . participez de . de . de culto, de missa?

P: uhm?

E: de la réunion de l'église?

P: catholique.

E: vous participez ici à Rio, non?

P: oui.

E: vous allez à l'église

P: à l'église catholique

E: ah, c'est bon.

P: seule problème est (2.0) je ne pas compris . les chantes

E: uhum

P: (risos)

E: j'imagine. Ok. Et vous avez la famille en Haiti, non?

P: non, je n'a les pas.

E: non.

P: ma femme, mes enfants vivent en Haiti.

E: Combient des enfants?

P: J'ai trois enfants.

E: trois enfants. J'ai une. Une petite fille.

P: ahm?

E: une petite fille.

P: você? J'ai trois enfants, un garçon et une petite fille.

E: et maintenant vous travaillez ici, non? Vous avez du travail?

P: je travail je travail ici, mais salaire salaire je reçois est très peu.

E: très peu. Et la dernière chose que je te demante. Vous avez me dit que il y a des choses pareilles et que il y a de choses diferentes entre Brésil et Haiti. Quelles sont les choses que vous remarquez sont le plus different d'ici et Haiti?

P: ahm . sei (risos)

E: que quand vous avez vu la première fois ici, vous avez dit: mon Dieu! Mais ça! Ça ne marche pas au Haiti!

P: eh (2.0) je vois/ je vois au Brésil (2.0) les étudiants les étudiants (2.0) de tout la rue . [...] baiser et . fazer l'amour. Haiti non.

E: (risos)

P: les étudiants dans les rue au Brésil, en Haiti non, je ne vois ça. Et . et je vois aqui en Brasil homme masculin mari avec masculin. Haiti non, je ne vois ça.

E: La homo/ homoafetif la relacion homoafetif? Ça n'existe pas au Haiti?

P: non, non, je dit que non existe

E: mais vous ne voiez pas dans la rue.

P: non.

E: ok. C'est ça. Merci.

A primeira pista linguística para compreender o grau de inserção social dessas imigrantes é um reflexo das suas principais representações linguísticas e sociais: a escolha da língua a ser utilizada nessas interações. Embora essa etapa seja bastante preliminar, é possível perceber que o único participante que opta pelo francês (P5) é também o que deixa mais explícita a fronteira imaginada entre um e outro povo:

P5: uhm. Ce que je pense, les brésiliens son mes frère et mes soeurs. (2.0).

Neste turno conversacional, após ser indagado sobre o fato de se sentir, também, brasileiro, P5 hesita (uhm), começa a fala com uma expressão para ganhar tempo (Ce que je pense) e, em seguida responde: “os brasileiros são meus irmãos e irmãs”. P5 não se considera brasileiro, mas irmão dos brasileiros, ou seja, para a identidade desse participante, o brasileiro é o *Alius*, o “outro diferente de mim”. Ele retoma o turno, agora enfatizando o afeto que sente pelo povo, mas que, apesar disso, ainda não o representa:

P5: et . je vis avec eux et [pausa longa] et (2.0) y l'aime beaucoup. Non, je ne aucune problème de vivre avec eux.

A primeira pausa do turno (.) é frequente na conversa e tem explicação na dificuldade que o participante tem para se expressar com rapidez em francês, língua aprendida na escola, mas que não representa aquela utilizada na maior parte das interações do dia a dia. Após uma pausa longa, possivelmente para formular o que pretende dizer, afirma que “vive com eles” e, após uma pausa média, que “os ama muito”. Em seguida, responde com uma frase declarativa negativa “não, eu não tenho problema algum de viver com eles”, como se recebesse a pergunta: “você tem algum problema com os brasileiros?”

Este turno conversacional reitera a sua posição *Ego* face a um *Alius*, com quem convive amistosamente, embora reconhecendo a sua fronteira. Nesta delimitação imaginada entre ele e um outro, diferente dele, habita a representação social: “estrangeiros geralmente encontram problemas no convívio com os nativos”, a qual refuta com dupla negação (non/ aucune).

Outro fragmento da entrevista evidencia essa representação social, no qual P5 responde como é a relação entre os haitianos e os brasileiros:

P5: (2.0) oui, haitien, brésiliens non problème. Au contraire, brésilien est très amoureux des haitiens.

Após uma pausa média, o participante diz que não há problema entre haitianos e brasileiros. Mas a segunda parte da sua enunciação apresenta mais pistas: ao dizer “ao contrário, os brasileiros são muito amorosos com os haitianos”, P5 evidencia não só que “estrangeiros geralmente encontram problemas no convívio com os nativos”, mas também que esses problemas surgem por parte dos nativos, já que essa afirmação pressupõe uma pergunta anterior: como os brasileiros tratam os haitianos?

A objetificação da fronteira imaginária que separa o participante (*Ego*) do outro que não é como ele (*Alius*) se dá, nessa interação, por meio das diferenças, onde opera a representação social “eu sou o que sou porque não sou o que você é”. Para sustentá-la, inicia-se uma lista de ações atribuídas apenas aos brasileiros:

P5: eh (2.0) je vois/ je vois au Brésil (2.0) les étudiants les étudiants (2.0) de tout la rue . [...] baiser et . fazer l’amour. Haiti non.
--

P5: les étudiants dans les rue au Brésil, en Haiti non, je ne vois ça. Et . et je vois aqui en Brasil homme masculin mari avec masculin. Haiti non, je ne vois ça.
--

Em ambos os turnos conversacionais, P5 apresenta situações nas quais as fronteiras entre o público e o privado aparecem mais concretas no Haiti e mais permeáveis no Brasil. No primeiro fragmento, a repetição lexical de “eu vejo”, “os estudantes” e “na rua” caracterizam, com efeito, a representação social de não equivalência entre os domínios: “aquilo que não é moralmente aceito na sociedade tradicional deve acontecer na esfera privada”.

E: La homo/ homoafet la relacion homoafetif? Ça n’existe pas au Haiti?
--

P: non, non, je dit que non existe.

E: mais vous ne voiez pas dans la rue.
--

P: non.

A esfera pública (“na rua”) é enfatizada neste turno, realçando o que incomoda, de fato, a sua identidade coletiva haitiana: as pessoas se beijarem em local público, principalmente os jovens em idade escolar, e os homossexuais revelarem a sua posição sexual abertamente, ao invés de reservarem essa identidade aos locais privados.

Esta oposição público/ privado nas diferentes culturas é uma das maneiras de impermeabilizar a fronteira imaginada entre *Ego* e *Alius*. Esperamos, no decorrer da pesquisa,

elucidar outras diferenças responsáveis pela manutenção dessa fronteira, assim como as semelhanças, que agem como neutralizadoras da oposição Nós/ Eles, fazendo com que indivíduos de fora do grupo passem a integrá-lo.

Como assumimos anteriormente, a transcrição das entrevistas e, posteriormente, as suas análises, terão lugar após o doutorado-sanduíche, no qual pretendemos nos aperfeiçoar no que se refere às técnicas e aos programas. Poderemos reconhecer, então, as pistas linguísticas que permitem a compreensão das representações sociais associadas ao contato linguístico entre brasileiros e haitianos, no contexto da construção civil, na cidade do Rio de Janeiro. Não obstante, apresentamos a transcrição de duas entrevistas e três apresentações, com o objetivo de ilustrar o *status quo* de nossa pesquisa e, também, de exemplificar a metodologia de análise de entrevistas a ser empregada, cujo aperfeiçoamento caracteriza o objetivo específico desta tese.

REFERÊNCIAS

ALLIK Amel. *Les représentations du français et de l'anglais chez des apprenants de troisième année du secondaire*. Présenté en vue de l'obtention du diplôme de Magister em linguistique et didactique. Université Mentouri de Constantine, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CALVET, L. J. *Langues et développement: agir sur les representations?* In: *Estudios de sociolingüística* 1(1), 2000, p. 183-190.

_____. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMERON, D. *Verbal Hygiene*. Milton Park: Routledge, 1995.

CASTELLOTTI, V.; ROBILLARD, D. *Langues et insertion: quelles articulations?*
Présentation, *Langue et société*, 2001/4 n 98, p. 5-16.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

COOPER, R. *La planificación lingüística y el cambio social*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CAVALLI, M; COLETTA, D. *Langues, bilinguisme et représentations sociales au Val d'Aoste*. Aoste: IRREVDA, 2003.

COSTA, D. *Representações linguísticas de alunos de Ensino Médio na aprendizagem de língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011.

COSTA, D. *On parle français à Jacarepaguá: multilinguismo e a formação de redes sociais de imigrantes haitianos no Rio de Janeiro*. Anais do V Seminário dos Alunos de Pós-graduação do Instituto de Letras da UFF- Estudos de Linguagem. Niterói: UFF, 2014. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VSAPPIL-Ling/index>. Data do último acesso: 31/05/2015.

COSTA, D. *Ann pale potigè: política linguística e o contato com imigrantes haitianos no Rio de Janeiro*. Anais do IX Congresso Internacional da ABRALIN. Belém: UFPB, 2015, p. 208-2013. Disponível em: <http://ixcongresso.abralin.com.br>. Data do último acesso: 31/05/2015.

COSTA, D.; PEREIRA, T. *Línguas em contato e a formação de redes sociais de imigrantes haitianos no Rio de Janeiro*. Juiz de Fora: Veredas, 2015 (no prelo).

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAUSENDORF, H.; KESSELHEIM, W. The communicative construction of group identities: a basic mechanism of social categorization. In: DUSZAK, A. *Us and Others: social identities across languages, discourses and cultures*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p, 265- 288.

HOUDEBINE-GRAVAUD, A-M. *De l'imaginaire linguistique a l'imaginaire culturel*. Travaux de sémiologie no 7, 2008.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. JODELET (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, 1989, p. 31-61.

JUNGBLUTH, K. Crossing the border, closing the gap: Otherness in language use. In: JUNGBLUTH, K. ROSENBERG, P. ZINKHAHN RHOBODES, D. (editores). *Linguistic construction of ethnic borders*. Frankfurt am Main: Lang, 2015 (no prelo)

KOIFMAN, F. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a estrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 (primeira edição 1972).

LECONTE, F. Familles africaines en France entre volonté d'insertion et attachement au patrimoine langagier d'origine. *Language et société*, 2001/4 n 98, p. 77-103.

DODSWORTH, R. *Speech Communities, Social Networks and Communities of Practice*. In: HOLMES; HAZEN. *Research Methods in Sociolinguistics: a practical guide*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

LYONS, J. *Language and Linguistics. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MOSCOVICI, S. *La Psycanalyse, son Image et son Public*. Paris: PUF, 1976.

MYERS, G. *Análise da conversação e da fala*. In: Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático. BAUER, M; GASKELL, G. (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis: Vozes, 2002, p. 271-292.

NISHIAMA, N. Politique linguistique: Nouvelles perspectives pour le français en zone non francophone. Le français dans le monde [en ligne].2001, n°316. Disponível em: <http://www.fdlm.org>

PETITJEAN, C. *Representations Linguistiques et Plurilinguisme*. Université de Provence, Tese de Doutorado, 2009

RONCARATI, C.; CYRANKA, L. F. M. *Atitudes linguísticas: uma pesquisa em escolas públicas de Juiz de Fora (MG- Brasil)*. Diacrítica (Braga), v. 24, p. 211- 231, 2010.

SAVEDRA, M. M. G., LAGARES, X. C. *Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil*. Revista Gragoatá, Niterói, n.32, p. 11-27, 2012.

SOARES, C. E. L.; GOMES, F. *Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do Atlântico negro*. Novos Estudos, CEBRAP. N.º 63, julho/2002, p. 131-144 .

SILVA, T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

YOUSSEF, A. E. *Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX)*. 4 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba, 2009.

WINFORD, D. *An Introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.